



# DO MESMO MODO, AO FIM DA CEIA

Editora Penalux  
Guaratinguetá, 2019

PAULO GONÇALVES



EDITORA PENALUX

Rua Marechal Floriano, 39 – Centro  
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br  
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO  
França & Gorj

REVISÃO  
Luiz Almeida

CAPA E DIAGRAMAÇÃO  
Ricardo A. O. Paixão

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

G635D GONÇALVES, PAULO. 1972-  
DO MESMO MODO, AO FIM DA CEIA / PAULO GONÇALVES. -  
GUARATINGUETÁ, SP: PENALUX, 2019.

132 P. : 21 CM.

ISBN 978-85-5833-510-2

1. POESIA I. TÍTULO

CDD.: B869.1

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.  
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida  
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

## **As grandes tragédias**

Ante as grandes tragédias,  
a única coisa que resolve  
é não ter nascido.

## **A vida e as coisas tão nossas quanto é nosso o nosso Atestado de Óbito**

Tal qual o nosso nome  
– palavra escolhida com afeto –  
vai estar no nosso atestado de óbito,  
ter é apenas um pouco e só.

O seu Atestado de Óbito, vovó, está comigo.  
Mas é seu.

Depois de dadas as suas roupas,  
dividida a sua terra até pelos bisnetos,  
guardadas a um canto suas fotos e a sua voz,  
destruídos seus demais documentos,  
o Atestado de Óbito do meu pai está bem guardado.

E desses morros e morros por onde eu tenho andado  
– verde, vento, sombra de nuvens –  
o direito diz, quando muito e porcamente,  
da geometria dos arames.

## **Revolução**

Eu desisti de dois mil e vinte,  
Eu nunca roubei.

Eu nunca roubei.  
A gente respondia pro pai,  
à menor chance,  
olhando fixo para os brinquedos tolos  
para o sabugo não é nosso não.

Achava dizer isso comprar pão.  
Ir no mato.

Ter roubado era  
diversos goles com o meu pai na bica na roça  
a água  
O suor em troca.  
Meu pai estar cansado e a foto de Nossa Senhora  
em cima da minha febre

O País Brasil pra gente eu e meu irmão  
era não sujar a água do córrego  
mais gente ia beber lá embaixo.

*Do mesmo modo, ao fim da ceia*

Nunca. Coisa alguma. Roubamos.  
Por isso desmanchar os nós dessas gravatas,  
mas a foices.

## **Tal qual o Tonho louco**

Tal qual o Tonho louco naquele domingo  
nas escadarias quando a missa ia começar  
Qualquer pessoa – Qualquer pessoa –  
pode, de repente, enlouquecer?  
De repente e sem nenhum motivo  
que não a normalidade?

Eu, por exemplo, gosto das coisas que não existem.  
Eu vejo que deve haver um fio sob tudo.  
Um fio que ficaria por debaixo das superfícies.  
Um fio que começasse no cérebro  
ou que nele fosse dar.  
Linhas.  
Porque eu gosto da polissemia da palavra linha.

Para parar de sofrer a vida,  
essa loucura, o fio rompido,  
seria um bom começo.

Eu começaria por embaralhar,  
numa conversa, o tempo dos verbos.

O tempo todo.

Depois, a risada descontextualizada.

Depois, repetir coisas por todo o depois que eu tivesse.

Por fim eu começaria,

como os loucos fichados,

a viver unicamente nos meus estados mais secretos.



## **O sentimento coisa**

O sol da tarde calca a corcunda do Pico da Pomária.  
Meu olho faz por quê? para a luz despencada para Pedralva.  
O dia vai terminar.

É quando eu converso comigo  
em uma língua estrangeira.  
Eu não entendo.  
Inefável pra caramba,  
eu sinto eu sinto,  
mas não vira palavra.

Não tem nome.  
Tem local e data,  
cores e formas.  
Tem temperatura, textura e espeta.  
Mas não tem nome.

Me mata.  
Vai nos matar a todos.  
Mas como saber como se chama?  
Faz como os torniquetes.  
Põe o mundo numa garrafa e tampa.

Composto em Minion Pro  
impresso em Pólen Soft 80g/m<sup>2</sup>  
em São Paulo para Editora Penalux,  
em abril de 2019.

